

Mulford: Formosa pode ajudar a reduzir dívida

por Peter Riddell
do Financial Times

Formosa (Taiwan) poderá usar parte de suas grandes reservas em divisas estrangeiras para apoiar a estratégia proposta pelos Estados Unidos para reduzir a dívida externa dos países mais fortemente endividados do Terceiro Mundo.

O subsecretário para assuntos internacionais do Tesouro norte-americano, David Mulford, disse ontem perante uma Comissão do Senado norte-americano que houve "algumas conversações com Formosa e lhes dissemos que, na nossa opinião, isto representa uma oportunidade para eles. De uma forma muito genérica, eles demonstraram algum interesse neste sentido".

Mulford afirmou que Formosa, com reservas em moeda estrangeira estimadas em cerca de US\$ 80 bilhões, tem um papel a cumprir na correção dos desequilíbrios econômicos mundiais. Houve longas discussões entre os Estados Unidos e Formosa a respeito do impacto de seus grandes superávits comerciais e sobre a suposta manipulação de sua moeda.

Um relatório do Tesouro norte-americano, divulgado há duas semanas, elogiou as mudanças no sistema de taxa de câmbio do país, mas destacou que até agora a valorização de sua moeda foi insuficiente. Qualquer apoio de Formosa ao plano de redução da dívida seria considerado em Washington como uma contribuição para acalmar as tensões.

Em seu depoimento de ontem, Mulford tentou dar novo impulso ao plano de redução da dívida, lançado há dois meses por Nicholas Brady, secretário do Tesouro norte-americano, em vista das recentes críticas e da falta de progresso nas principais negociações a respeito da grande dívida do México.

Mulford fez um apelo tanto ao México como aos seus bancos credores comerciais — atualmente "bastante distanciados" nas conversações que deverão ser reiniciadas em Nova York nesta próxima semana. Mas disse que as divergências entre os dois lados não causam surpresa nesta fase.

Num momento em que as diretorias executivas do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial

estão realizando conversações minuciosas a respeito de sua participação na estratégia de redução da dívida, Mulford negou que haja qualquer divergência entre os dois organismos multilaterais a respeito desta questão. Informou que ambos estão "mais ou menos dentro do cronograma" no estudo das propostas, que deverão ser votadas dentro de algumas semanas. "Estamos muito satisfeitos com os progressos realizados."

Mulford admitiu porém que alguns países superavi-tários não deram o apoio esperado. Disse que os Estados Unidos fizeram um apelo direto a alguns países. Observou porém que "o governo alemão não se prestou a colaborar e deu menos apoio do que nós gostaríamos a alguns conceitos do plano". A Grã-Bretanha e outros países europeus também manifestaram dúvidas a respeito da transferência do risco dos bancos comerciais para as instituições multilaterais e, no final das contas, para os seus contribuintes.

O único apoio direto até agora veio do Japão, com uma promessa de US\$ 4,5 bilhões. Mulford disse que os Estados Unidos gostariam que o Japão desse mais dinheiro.

Acrescentou que a idéia do Japão de querer canalizar suas contribuições por meio de seu Banco de Exportação-Importação (Eximbank) foi infeliz, porque deu a impressão de que Tóquio está interessada em abrir novos mercados para suas companhias. Afirmou que seria melhor uma ligação mais direta do dinheiro com os esforços de redução da dívida e do serviço da dívida, embora existam obstáculos técnicos e legais para isso.